

## **Relações familiares entre escravos e libertos da Freguesia de São Tomé das Letras (1841-1883)**

Juliano Tiago Viana de Paula <sup>1</sup>

**Resumo:** Procuraremos nesta pesquisa através dos exames dos registros paroquiais da Freguesia de São Tomé das letras, estabelecer as características comportamentais dos escravos através das relações matrimoniais e de parentesco. Temos como objetivos de verificar as estratégias forjadas pelos cativos para ampliarem as suas redes de socializações e solidariedades instituídas por meio do casamento e do batismo cristão com indivíduos da mesma condição ou de posições sociais diferente.

**Palavras Chaves:** Escravidão, Matrimônio e compadrio.

**Abstract:** In this article we will try to present the conjugal behavior of slaves and freedmen in Sao Tomé das letras in the period between 1841 and 1883. The criteria considerate are juridical condition and origin. . This purpose watch strategies forged for the Slaves for amplify her water socialization at the solidarity across amplification loop conjugal andgodfather, institute put middle casement and baptism Christian with person at some condition your position social different.

**Keyword:** Slaves, Conjugal behavior, godfather.

### **Introdução**

Em Minas Gerais os estudos sobre as relações familiares do escravos ainda estão em desenvolvimento, apesar de contarmos com um numero expressivo de publicações referentes ao tema. Especialmente aqueles trabalhos voltados para as análises demográficos que exploram o comportamento populacional dos cativos em varias propriedades escravistas da província mineira.

Neste trabalho sobre as relações familiares entre os cativos da freguesia de São Tomé das letras na Comarca do Rio das Mortes, me restrinjo basicamente a duas fontes, os registros paroquiais de casamento e batismo, como forma de compará-los aos resultados que foram obtidos em outras regiões do país. Amostragem documental e satisfatória, apesar de

---

<sup>1</sup> Graduado em História pelo Centro Universitário de Belo Horizonte. Atualmente está lecionando na Rede Publica de Educação do Estado de Minas Gerais.

Os resultados iniciais deste trabalho fazem parte de um projeto de pesquisa mais amplo denominado: “Sociabilidades e Identidades”: Negros, mestiços e afro descendentes na Comarca do Rio das Mortes; São João del Rey século XVIII-XIX. Participei deste projeto durante 2 anos (2006-2007), sobre a coordenação do Prof. Dr. Marcos Ferreira de Andrade deste março de 2006. A proposta integra um projeto mais amplo que foi desenvolvido por pesquisadores de outras instituições e que contou com o apoio financeiro da FAPEMIG, a saber: Profa Dr. Maria Tereza Pereira Cardoso-UFSJ; Profa. Dr. Maria Silvia Jardim Brugger-UFSJ; Profa. Dr. Anderson de Oliveira-UERJ. Os assentos paroquiais de casamento e batismo que serão examinados neste artigo foram concedidos pelos os pesquisadores deste projeto.

incompleta em relação a ausência de inventários. Portanto, irei tecer algumas considerações preliminares sobre os comportamentos conjugais e de parentescos entre escravos e pessoas libertas da região. Os resultados que foram encontrados não são definitivos e poderão ser alterados futuramente em relação aos valores brutos, mas dificilmente nas tendências delineadas pelos dados aqui expostos.

### **Sob os efeitos da condição e da origem: Relações familiares entre escravos e libertos**

A respeito das organizações familiares entre os cativos, a produção historiográfica avançou muito. Para autores como Manolo Florentino (1997) e José Roberto Góes (1997), o caráter estrutural do tráfico negreiro não se limitava a saciar a fome de mão de obras nas fazendas, mas tornar frágeis as estratégias escravas, destinadas a regrar a vida em comunidade. Acredita-se que a família escrava estivesse sujeita à fragmentação, durante a fase de expansão da economia, e que o cativo seria marcado muito mais pelo conflito, em função das rivalidades entre crioulos e africanos de diferentes origens étnicas, do que pela construção de uma identidade comum. Esses autores consideram que a família escrava era o fator estrutural na manutenção e reprodução do escravismo, além de gerar um ganho político para a classe senhorial, garantia a “paz das senzalas”.

Contrapondo a esses autores, Robert Slenes (1999) priorizou os significados que os laços familiares possuíam para os escravos. O autor parte do pressuposto de que, no sudeste, não só os cativos teriam construído identidades comuns, como também chegaram a formar uma “proto-nação banto”, a partir do predomínio de mancebos do mesmo grupo lingüístico, procedentes do centro-oeste africano. Para Slenes (1999) a família escrava não se reduzia a estratégia e projetos centrados em laços de parentesco, mas expressava um mundo mais amplo, criado, a partir de suas “esperanças e recordações”. Assim puderam criar identidades e afinidades que lhe permitiram formar uma “comunidade”, que se coloca em risco o sistema escravista.

Com base nestas discussões, pretendo analisar as relações matrimoniais entre os escravos da Freguesia de São Tomé das Letras nos anos que se estende entre 1841 a 1883. Os dados arrolados a partir do levantamento dos registros de casamento relativos à região revelou um conjunto de informações que se mantiveram relativamente variáveis e reiterativas ao longo do tempo, possibilitando com isso uma análise seriada dos dados coletados, que permitiram extrair algumas inferências sobre as possibilidades dos escravos contraírem matrimônios.

<b>Enlaces matrimônios entre os escravos da Freguesia de São Tomé das Letras</b>						
Total de Casamentos	Casais					
	<b>ESC X ESC</b>	<b>ESC X S/O</b>	<b>LIB X LIB</b>	<b>LIB X ESC</b>	<b>LIB X S/O</b>	<b>S/IX LIB</b>
174	148	5	13	2	3	2
%	85%	2,8%	7,4%	1,1%	1,7%	1,1%

Fontes: Registros paroquiais de casamentos de São Tomé das Letras (1841-1883). Cúria Diocesana de Campanha.

Siglas: ESC= Escravos, S/I= Sem informação a condição, LIB= Liberto ou Liberta.

Tento como base está tabela, é notório afirmar que escravos e libertos se envolveram na maioria das vezes com pessoas da mesma condição jurídica. É percebido, que não houve nenhum caso de um homem escravo se unir a uma mulher liberta. Segundo Sheila de Castro Faria, este tipo de relação pode auferir vantagens e prejuízos para ambos os lados. Para os mancebos pode liberta os seus rebentos do jugo da escravidão. Enquanto, para as mulheres libertas, poderiam aproximá-las do cativo. A partir do momento que as nubentes libertas se ligavam aos cativos, teriam que assinar um “*termo de seguimento*”. Com o estabelecimento destes laços a sua libertaria de movimento estaria em risco, não podia ir para onde desejasse, pois o seu parceiro estava preso aos grilhões da escravidão. Enfim, creio que as mulheres libertas de minha amostra estavam cientes dos riscos e conseqüências que este tipo de relação poderia causar em suas vidas. Talvez o medo do retorno ao cativo, poderia ter sido uma barreira, para a consolidação destes laços.

A respeito das uniões matrimoniais em que os homens eram libertos e as mulheres escravas, podemos visualizar na tabela um baixo percentual, perfazendo-se em um total de 1,1%. Sheila de Castro argumenta que formalização desta relações poderia ser motivado por diversos fatores, como a possibilidades dos homens despossuídos terem acesso a uma nesga de terra dos senhores de suas esposas escravas e, ainda, o reduzido numero de mulheres entre a população livre e liberta disponíveis para o casamento.

A predisposição dos senhores em aceitar estas uniões, pode ser atribuída a relativa ausência relativa de problemas, no caso de venda ou mudança no local de moradia das escravas. Ao mesmo tempo, haveria interesse dos senhores na ampliação do poder pessoal

pela anexação de mais dependentes. Alia-se aos motivos expostos e, talvez, sendo mais importante ainda, o fato de poderem transferir a outros a responsabilidade de subsistência de alguns cativos de sua prole. Mas acredito que a sociabilidade escrava presente nos enlaces matrimoniais da região de São Tomé das Letras, sustentou critérios de escolhas pautados na condição dos nubentes, com nítida preferência por pessoas juridicamente iguais, sendo menos comuns a união entre mancipios e libertos.

Alem da condição jurídica dos noivos, a questão da origem teve grande peso nas escolhas matrimoniais entre os cativos de São Tomé das Letras. Dos 505 casamentos que pesquisei, contatei 148 uniões maritais entre os escravos. Os registros paroquiais de casamento contemplam os anos de situado entre 1841 a 1883. Separei-os em período, com o objetivo de perceber as regularidades e mudanças no comportamento conjugal dos cativos.

Unões Matrimoniais por origem						
Total de Casamentos	1841-1850			1851-1883		
	Noivos X Noivas	Nº	%	Noivos X Noivas	Nº	%
148	CRIXCRI	22	14,8	CRIXCRI	19	12,8
	CRIXNAC	5	3,3	CRIXS/O	2	1,3
	CRIXS/O	1	0,6	GUIXGUI	3	2
	NACXNAC	14	9,4	GUIXCRI	5	3,3
	NACXCRI	20	13,5	GUIXS/O	1	0,6
	NACXS/O	2	1,3	AFXAF	1	0,6
	S/OXS/O	15	10,1	S/OXS/O	33	22,2
	S/OXCRI	1	0,6	S/OXCRI	2	1,3
	S/OXNAC	1	0,6	S/OXGUI	1	0,6

Fonte; Arquivo da Cúria de Diocesana de Campanha. Registros paroquiais de casamentos da Freguesia de São Tomé das letras 1841-1863. Os significados das siglas: Nac = Nação, S/I = Sem menção a origem, GUI = Guine.

Uma primeira constatação que disponho, consiste no claro comportamento endogamicos entre os crioulos e os cativos de nação da Freguesia de São Tome das Letras entre os anos 1841 a 1850. E sabido, que durante este período ocorreu uma intensa entrada de africanos nos portos brasileiros, o que comprometeu as relações matrimoniais entre os mancipios da mesma etnia. Alguns autores contataram que as uniões mistas durante esta não foram tão expressivas. Nos estudos feitos por Jose Roberto Góes e Manolo Florentino na

Freguesia de Jacarepaguá do Rio de Janeiro, perceberam que durante a fase de expansão do comércio negro, crioulos e os indivíduos vindos das mais variadas comunidades africanas não se envolviam. Como uma resposta a crescente entrada de estrangeiros, os nascidos no Brasil tendiam a estabelecer vínculos matrimoniais entre si. Portanto, segundo os autores, a queda nos percentuais dos casamentos mistos entre nativos e africanos, só poderia significar uma coisa: os crioulos tendiam a fechar-se entre si. Assim, dependendo da conjuntura considerada, a endogamia por naturalidade era a norma entre os crioulos.

Nesta região pesquisada por Manolo e Góes, a queda da participação dos matrimônios africanos no universo dos casais cativos não representava um aumento nas uniões mistas. Isto significa que quando maior era o volume do tráfico, maiores eram as dificuldades encontradas pelos africanos de formalizarem as suas uniões perante a igreja.

Sobre os exames que foram feitos por Robert Slenes no Município de Campinas, as escolhas dos cativos por laços matrimoniais entre indivíduos de uma mesma origem não podem ser interpretadas como uma clara tensão étnica dentro do cativeiro. A pesquisa por este autor nas regiões de Campinas confirmou uma tendência aos casamentos endogâmicos, mas junto a estas constatações, a um expressivo número de relações exôgâmicas, ou seja, entre africanos e crioulos e vice-versa.

Retomando aos dados que foram encontrados para a Freguesia de São Tomé, além das relações matrimoniais endogâmicas serem predominantes entre os cativos, as uniões exôgâmicas nos fornecem dados importantes.

Percebemos que os mancipios “de nação” se envolveram mais com as nativas (crioulas) do que com as escravas de suas origens. Supõe-se que esta preferência consistia em que as crioulas nascidas no Brasil, estarem mais ajustadas à vida no cativeiro, proporcionando-lhes as melhores condições para enfrentar as incertezas e a opressividade da escravidão. Portanto, suponho, que as uniões matrimoniais entre nativas com os cativos “*alem mar*” foram relações pessoais significativas. Pois, vimos que as escravas nascidas no Brasil, não corresponderam com total hostilidade à presença dos mancipios que vieram do outro lado do Atlântico.

Retomando a predileção dos crioulos em se ligar às cativas *alem mar*, vimos que estas uniões não foram tão expressivas, pois, preferiram as mulheres de suas origens. A questão é se os nativos rejeitavam as cativas africanas ou se estas rejeitam o crioulo. Não há como saber se os crioulos rejeitavam as africanas ou se estas rejeitam estes nativos, mas o fato é que a endogamia indica, certas indiferenças entre crioulos e mancipios de nação, talvez gerada pela competição de recursos no interior do cativeiro.

Contudo, conjectura-se que a região de São Tomé das Letras mesmo estando sobre um contexto de expansão do comércio negreiro durante a década de 1840, a preferência pela endogamia conviveu com a aceitação das práticas exôgamicas.

Para os casamentos entre os escravos que foram realizados entre os anos 1850 a 1883, vimos que a endogamia foi predominante entre os crioulos, onde os enlaces exôgamicos foram ínfimos entre os cativos da região. Presumo que com o fim do Tráfico Atlântico Internacional de escravos de 1850, que aboliu a entrada de africanos nos portos brasileiros, o matrimônio tornou-se mais presente entre os cativos nascidos no Brasil. É sabido, que durante esta época várias regiões do país ligadas ao abastecimento de cativos vindos dos portos brasileiros, passam por um processo de crioulição em suas unidades produtivas. Suponho que estas mudanças foram precoces nas propriedades escravistas de São Tomé das Letras, pois, a abolição do tráfico acompanhadas com a reprodução natural nas escravarias, contribuíram para o aumento dos matrimônios entre os crioulos.

### **O apadrinhamento dos inocentes escravos da Freguesia de São Tomé das Letras**

Os atuais trabalhos que dedicam em estudar as relações de parentesco entre os escravos, demonstram que o apadrinhamento de crianças cativas era uma prática comum que ocorria com frequência no ato da cerimônia do batismo. No entanto, este rito católico possibilitava ao batizando escravo ingressar no mundo religioso e ter uma vida amena diante do cruel sistema escravista. A escolha de padrinhos ou compadres entre os escravos podia ser vista sobre vários ângulos. Na estratégia de fazer aliados no tempo da escravidão, ligando-se as pessoas da mesma condição, para constituir famílias e comunidades, ou ainda, com indivíduos de condição superior, que lhe proporcionassem apoio e proteção.

Era, portanto, dentro desta realidade que os escravos procuravam tecer as suas redes de sociabilidades e solidariedades, formando famílias e comunidades ou colocando-se sob a “proteção” de homens livres mais poderosos. Os que soçobraram foram justamente aqueles que não conseguiram se inserir ou tecer relações suficientemente fortes para assegurar sua pertença a um grupo em que pudessem exercer suas liberdades.

Com base nestes estudos irei proceder a uma primeira leitura dos dados encontrados para a Freguesia de São Tomé das Letras em um dos livros de registro paroquial de batismo, que consta dados necessários para realizar uma pesquisa inicial para o período que será analisado. Foram coletados 1374 registros de batismo, sendo que 532 assentos pertenciam aos inocentes escravos da região entre os anos de 1841-1859. Os inocentes batizando filhos das

mães escravas da região tiveram como pais espirituais pessoas cativas, livres e madrinhas forras, ou seja, não houve nem um padrinho identificado como forro nos registros paroquiais de batismo. A tabela a seguir proporciona um quadro geral dos padrinhos e madrinhas dos filhos das mães cativas da Freguesia de São Tomé.

Condição dos padrinhos e madrinhas dos filhos das mães escravas.						
Padrinhos Livres	Padrinhos Forros	Padrinhos Escravos	Madrinhas Livres	Madrinhas Forras	Madrinhas Escravas	Total de Mães Cativas
237	0	295	227	4	301	532
44,5%	0,0%	55,4%	42,6%	0,75%	56,5%	100%

Fonte: Arquivo da Cúria Diocesana de Campanha. Registros paroquiais de batismo da Freguesia de São Tomé das Letras (1841-1859).

No que concerne à preferência por padrinhos escravos, nota-se um percentual superior comparando-o aos padrinhos livre da região. Esta predileção das mães cativas em se ligarem a compadres escravos de alguma forma refletia na ampliação dos laços pessoais, que promoviam a consolidação de famílias e comunidades negras. Jose Roberto Gões ao pesquisar a região de Inhaúma do Rio de Janeiro, notou que as maiorias dos escravos se ligaram a padrinhos cativos. E percebeu que os laços de compadrio uniam, sobretudo escravos e este era o costume nas regiões rurais e urbanos da província carioca. Gões afirma que sobre uma intensa entrada de africanos novos pelo comércio de almas, esses souberam utilizar dos ritos católicos para criarem as suas redes parentelas entre si, que ultrapassavam as cercas das propriedades. Como acentua o autor, as relações de compadrio desenvolvidas entre os escravos, propiciavam meios de socialização, o que conduzia a uma intensa rede de parentesco que formava uma comunidade escrava.

Outro dado importante a ser levantado neste trabalho, consiste que a Freguesia de São Tomé das Letras era formada por grandes propriedades escravista especialmente aquelas vinculadas ao abastecimento interno. Diante deste quadro, os recentes estudos apontam que as relações parentais que foram constituídas entre os cativos, foram mais intensas nas unidades de maior porte, e nos planteis menores, a maioria dos pais dos batizando escravos se relacionavam com pessoas livres.

De acordo Jose Roberto Gões, nas grandes propriedades escravista de Inhaúma, 75% dos padrinhos dos filhos dos pais cativos eram da mesma condição, o que demonstra o

empenho na formação dos laços familiares. Em Paraíba do Sul, Ana Lugão Rios, encontrou cerca de 40% de padrinhos livres e mais de 57% de compadres escravos, sendo os forros representando uma parcela minoritária no apadrinhamento de crianças escravas desta região. A autora acredita que esta supremacia de padrinhos cativos se dava nos grandes planteis e nos menores cresciam as escolhas por compadres livres. Acredito que estes estudos que foram realizados por Gões e Rios nos ajudar a entender o predomínio na escolhas de compadres escravos na Freguesia de São Tomé. Região que contava com grandes escravarias, o que poderia ter contribuído para a preponderância dos laços parentais desenvolvidos entre os mancipios.

Para a Vila de São João Del Rei próximo a Freguesia de São Tomé, Silvia Brugger constatou um amplo predomínio de homens livres sendo padrinhos dos filhos das mães escravas, e notou que entre o período de 1736 a 1850, eles representavam 62% dos compadres dos filhos de cativas. Considerando-se que a esta região tendiam a predominar unidades escravistas de pequeno porte, pode-se supor que isto seria uma explicação variável para a escolha majoritária de compadres livre para os filhos dos pais cativos. Em São Tomé das Letras, o padrão de escolha para padrinhos foi diferente. Os compadres escravos foram sempre preferidos em relação aos livres, sendo majoritários entre os anos de 1841 a 1859.

Nota-se também diante dos dados obtidos que a escolha de padrinhos livre foi expressiva. Pois compactuo com assertiva, que a escolha de compadres livres pelos escravos, era uma forma deles se ligarem a pessoas melhores posicionadas na sociedade. Talvez pessoas livres sem um passado escravo, que se afigurassem como uma melhor opção para os pais das crianças escravas. Mas a constituição de alianças com homens livres podia, de fato, ser um recurso importante nessa sociedade extremamente hierarquizada, onde escravos, forros e livres de cor eram vistos como pessoas de "menor qualidade".

Apesar do apadrinhamento dos filhos das mães cativas por pessoas livres não serem superiores ao dos compadres escravos, foram numericamente significativos o que diferem dos que foram encontrados por Schwartz para o recôncavo baiano. Onde constatou que a maioria dos senhores quase nunca apadrinhava os filhos dos seus escravos. Havia uma total ausência de laços de parentesco rituais entre os senhores e cativos, o que os levou acreditar que compadrio e escravidão eram instituições opostas. Ao contrário desta constatação verificada por Schwartz, acredito que os cativos da Freguesia de São Tomé das Letras souberam aproveitar do rito católico para ampliar as suas relações pessoais com os grupos distintos, aonde o batismo e escravidão não foram estruturas incompatíveis.



As relações sociais entre escravos e pessoas livres constituídas através do compadrio, poderiam ser entendidas como um meio de garantir aliando e protetores. Acredito que estas situações tiveram peso nas escolhas dos escravos em optar por um padrinho livre para os seus rebentos.

## **Conclusão**

As relações matrimoniais entre pessoas escravizadas e libertas da Freguesia de São Tomé das Letras, sustentou critérios de escolhas pautados na condição dos nubentes, com nítida preferência por pessoas juridicamente iguais, sendo menos comuns a união entre indivíduos de condições jurídicas diferente. A respeito dos casamentos entre indivíduos da mesma origem ou de procedências diferentes, fica clara a predominância de padrões culturais endogamicos, entre os crioulos e os mancipios de “nação”. Mas, as uniões mistas apresentaram aspectos significativos. A partir destes dados, observamos que os cativos advindos do continente africano ligavam-se mais as nativas do que as escravas de suas etnias. Sendo expressivas e importantes essas uniões, constatamos que a predileção entre os cativos pelas relações matrimoniais endogamicas conviveu com a aceitação das praticas exôgamicas.

A respeito das relações de parentesco em que as mães cativas estabeleceram com escravos e pessoas livres da região percebem que souberam utilizar do rito católico para ampliarem os seus laços parentais relacionando-se com os da mesma condição e com pessoas livres. Com base nestas oscilações, presumo que este padrão de escolha possuía estratégias ambíguas. Para os compadres mancipios, conjeturo um fortalecimento nas redes de solidariedade que fortaleceria a comunidades escrava, e no que consiste a predileção por pessoas livres, visualizavam futuros ganhos para seus rebentos e proteção para si. Com base nestas ações, compactuo com hipóteses de que, naquela sociedade escravista fundamentada nas relações pessoais, o compadrio eram atos sociais estratégicos, sendo importantes instrumentos de ascensão social e afirmação de liberdade, ainda que neste empenho se tornassem participantes do nosso peculiar processo de produção e reiteração de hierarquias sociais.

## **Referências Bibliográficas**

BRUGGER, Silva Maria Jardim. *Minas Patriarcal-Família e Sociedade* (São João del Rei , Séculos XVIII e XIX) – São Paulo: Annablume, 2007.

FARIA Sheila de Castro. *Sinhás pretas, damas marcadoras*. As pretas minas nas cidades do Rio de Janeiro e de São João dei Rei (1700-1800). Niterói, UFF, 2004. (Tese Titular).

\_\_\_\_\_. (1998). *A colônia em movimento: fortuna e família no cotidiano colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

\_\_\_\_\_. (1997). '*Historia da família e demografia histórica*'. In: Cardoso, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Org). *Domínios da Historia*. Ensaios de Teoria e metodologia. Rio de Janeiro. Ed. Campus.

FERREIRA, Roberto Guedes. “*O parentesco ritual na Freguesia de São José no Rio de Janeiro (séc. XIX)*” in: Sesmaria: Revisa do Núcleo de Estudos Históricos e Pesquisas Sociais. Rio de Janeiro: NEHPS/FEUC, ano I, nº 1, 2001

FLORENTINO, Manolo G. (1995). *Em Costas Negras: Uma História do Tráfico Atlântico de Escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional.

FLORENTINO, Manolo Garcia; GÓES, José Roberto. *Paz na Senzala: Famílias escravas e tráfico atlântico, Rio de Janeiro, c.1790-1850*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

SLENES, Robert. *Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava – Brasil Sudeste XIX*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1999.

SCHWARTZ, Stuart B. *Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade Colonial: 1550-1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.